

O segundo nascimento de um escritor romeno

João Bigotte Chorão

REVISIONES

Revista de crítica cultural

Resumo: *O Diário da felicidade*, do monge romeno Nicolae Steinhardt (1912-1989), foi publicado postumamente na Roménia (1991) e, desde 2007, pode ser lido também em espanhol. Viagem íntima e solitária ao fundo da alma, o título surpreende, ainda mais quando se trata do retrato de um tempo de trevas, em que se observa a miséria do homem e um poder absoluto que se traduz em demência e inumanidade.

Palavras chave: Nicolae Steinhardt, literatura romena, comunismo, diário íntimo, felicidade, fé, Cristianismo.

Resumen: *El Diario de la felicidad*, del monje rumano Nicolae Steinhardt (1912-1989), se publicó postumamente en Rumanía (1991) y desde 2007 puede leerse también en español. Viaje íntimo y solitario al fondo del alma, el título sorprende por tratarse del retrato de un tiempo de tinieblas en el que se observa la miseria del hombre y un poder absoluto que se traduce en demencia e inhumanidad.

Palabras clave: Nicolae Steinhardt, literatura rumana, comunismo, diario íntimo, felicidad, fe, Cristianismo.

Abstract: *The Journal of Happiness*, written by the romanian monk Nicolae Steinhardt (1912-1989), was published postumously in Romania (1991) and, since 2007, can be read in Spanish. An intimate and lonely journey to the depths of a soul, its title is especially surprising as it comes to portrait times of darkness, the misery of man and an absolute power being translated into insanity and inhumanity.

Keywords: Nicolae Steinhardt, romanian literature, comunism, personal diary, happiness, faith, Christianity.

João Bigotte Chorão

Ensayista, crítico y memorialista.

Fue director de *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*.

De su extensa bibliografía, destacan libros como *O Escritor na Cidade* (1986), *Galeria de Retratos* (2000), *O Espírito da Letra* (2004), los estudios sobre autores portugueses (Camilo Castelo Branco, João de Araújo Correia, Carlos Malheiro Dias, Tomaz de Figueiredo, Miguel Torga), las lecturas de brasileños, franceses, italianos y rumanos (Horia, Cioran, Eliade). Recibió el título de *Amicus Romaniae* por el Instituto Cultural Rumano. Es miembro del consejo científico de la revista *Estudos Italianos em Portugal* y socio de número de la Academia das Ciências de Lisboa (Portugal).

El diario de la felicidad [*Jurnalul fericitatii*], traducción y edición de Viorica Patea, con Fernando Sánchez Miret y George Ardeleanu, Salamanca, Ediciones Sígueme, 2007.

Podíamos dizer, parafraseando o Eclesiastes, que há um tempo para descobrir e um tempo para esquecer. Na idade que chamamos da *formação*, lemos o bom e o mau sem nos preocuparmos com seleccionar as nossas leituras. Não há livros à dimensão da nossa fome. Mas é na idade da descoberta que encontramos os nossos autores, aqueles que depois elegemos como mestres que nos vão acompanhando toda a vida. A eles voltamos, sempre atentos à sua lição e no gosto da releitura. Um grande escritor não é um estilo?

Passada a emoção da descoberta, uma leitura amadurecida confirma ou infirma as primeiras impressões. Há livros que nunca se esgotam para nós, velhos e sempre novos, por isso mesmo clássicos. Também nesta esfera vale o axioma segundo o qual não os encontraríamos se os não tivéssemos procurado. Uma referência, uma sugestão, não sabemos o quê, leva-nos para um autor já de nomeada ou menos conhecido. Neste caso, trata-se de uma descoberta que diríamos pessoal, como se esse autor tivesse escrito para nós e realizasse o que gostaríamos de realizar.

Vem a propósito lembrar aqui o caso paradigmático do jovem Eliade em relação a Papini, que se lhe «antecipa», escrevendo o livro que ele sonhara escrever – *Un uomo finito* –, a peregrinação de quem por desconhecidos caminhos acaba por se encontrar a si próprio. Eliade, com o atrevimento da juventude, chegou mesmo a redigir uma espécie de réplica do *opus magnum* de Papini – *Romanço de um adolescente míope*, só postumamente publicado. Um capítulo intitula-se até «Papini, eu e o mundo», testemunho de admiração de alguém que, no entanto, não queria ser discípulo, sócia ou plagiário. Admiração sim, mas não identificação em que há o risco de perder a identidade.

Un uomo finito, sem dúvida, mas, se me é lícita ainda esta confissão, *Lições de abismo*, do brasileiro Gustavo Corção. Um homem que não soube viver prepara-se para

morreu, descobrindo no crepúsculo da vida o que não soubera ver, na agitação dos dias e na cegueira de horas solares. Nunca é tarde para renascer.

Eis dois livros que resistem ao tempo e à moda, companheiros de viagem para nos ensinarem e consolarem nas horas mais ásperas da jornada. Num a eloquência do verbo, no outro a nudez do verbo, que tem no clássico Machado de Assis o grande modelo.

Como a vida não pára e a curiosidade não dorme, não ficamos eternamente amarrados aos primeiros amores. Ultrapassado o *mezzo del cammin*, ainda nos está reservada a surpresa de encontrar um escritor, que nem de nome conhecíamos, através de *El diario de la felicidad*. Surpreendente logo no título, como se um diário não fosse o confidente de dias sem história, quase despido de eventos exteriores, viagem íntima e solitária ao fundo da alma. «Diario di sfortuna e di miseria» – disse, do seu, Giuseppe Prezzolini. Que diarista não fará suas estas palavras?

O romeno Nicolae Steinhardt é um caso muito singular, ao proclamar a «felicidade» para o seu Diário, testemunho de vivências tão dramáticas que fariam soçobrar quem não tivesse tanto ânimo e tanta fé. De origem mas não de prática judaica, advogou, mas os seus múltiplos interesses culturais abriam-lhe janelas para outras e mais vastas perspectivas. Pertencia à geração brilhante de Eliade, de Cioran, de Ionesco, de Mihail Sebastian, imediatamente anterior à de Vintila Horia, o autor de *Dieu est né en exil*, tão ligado a Espanha, onde escreveu, em castelhano, não poucos dos seus livros – entre eles, *Viaje a los centros de la Tierra e España y otros Mundos*. Daquele romance que ganhou um controvertido Prémio Goncourt, disse Steinhardt:

En el libro, Cristo y el cristianismo no se mencionan; no se le dice nada; todo se sugiere y se presiente; es virtual e inminente.

Ao contrário destes seus compatriotas que cedo se estreadam em livro, Nicolae Steinhardt é quase um autor póstumo. Ainda hoje parte do que escreveu permanece inédito. O espólio guarda-se no mosteiro ortodoxo de Sfinta Ana, Rohia, onde, já monge, Steinhardt viveu os últimos anos e morreu em 1989. Ano histórico esse, com a queda do Muro de Berlim e o sangrento ocaso do regime comunista de Ceausescu.

Steinhardt foi uma das inumeráveis vítimas da tirania em que o povo estava sob a permanente suspeita e temor da polícia política – a famigerada *Securitate*. Todos espiavam todos, como no filme alemão *A vida dos outros*. O intelectual e o escritor eram particularmente vigiados como agentes de ideias subversivas para o regime. Steinhardt não era um militante político que conspirava: o seu delito consistia em pensar pela própria cabeça e atentar assim contra a ortodoxia oficial. O círculo foi-se apertando, apertando, e as represálias não tardaram, implacáveis. O advogado foi impedido de exercer a profissão, todas as portas se fecharam uma a uma, mesmo as de modestos empregos. Veio, enfim, a prisão e a longa, dolorosa expiação no universo concentracionário.

Há toda uma vasta literatura de prisioneiros políticos – russos, alemães, romenos, húngaros... – que escreveram as suas «memórias do cárcere». Mas, certamente, nenhuma como as de Nicolae Steinhardt em *El diario de la felicidad*, retrato de um tempo de trevas e da miséria e grandeza do homem. Como não era permitido aos detidos terem qualquer material de escrita e qualquer livro, Steinhardt não pôde escrever o seu diário *au-jour-le-jour*.

Libertado em virtude de uma inesperada amnistia, embora sempre em regime de liberdade vigiada, mesmo quando já professara, Steinhardt, servindo-se da sua prodigiosa memória, relatou a sua viagem também «ao fim da noite» ou a sua descida aos infernos, sem que nenhum guia o guiasse nesse submundo dos condenados por uma justiça que era a mais brutal expressão da injustiça. A

memória não é linear, funciona por saltos, vai ao sabor da corrente e de associações inesperadas, sem respeitar a ordem cronológica. Se prevalece, mesmo na aparente desordem, o registo memorialístico, *El diario de la felicidad* é um requisito contra o poder absoluto que se traduz em demência e inumanidade.

Nesse monturo brota surpreendentemente o sentimento do perdão. Assiste-se a um segundo nascimento. Novo nascimento ou nova descoberta foi para Steinhardt o baptismo clandestino na prisão (pp. 140-141). Apressadamente, dois padres greco-católicos derramaram sobre a cabeça do neófito água pouco limpa, de um recipiente qualquer. Padrinho: um antigo advogado e professor de Clássicas. Cumprido o ritual e rezadas as orações próprias, assim nasce nas novas catacumbas um novo cristão.

Numa das suas geniais intuições, escreveu Camilo Castelo Branco, citado por Teixeira de Pascoaes, poeta ibérico como Unamuno – os grandes espíritos encontram-se –, escreveu pois o nosso novelista que, se um coração humano pudesse entrar no Inferno, o Inferno seria aniquilado. Lembro este pensamento quando leio e releio *El diario de la felicidad*. Steinhardt foi compassivo – «la compasión no es sentimental, señores nietzscheanos, sino humana y viril» – para carcereiros e torcionários, em que via as primeiras e principais vítimas do universo concentracionário. Para sobreviverem, tinham de mostrar zelo e serviços. Foi aí, num indescritível meio de humilhação e crueldade infligidas aos presos políticos – pois só deles se trata – que Steinhardt se encontrou consigo próprio e com Deus. Se não tivesse sido crucificado, teria ressuscitado?

Publicado postumamente *El diario de la felicidad*, não conheceu o autor essa íntima satisfação de ver impresso o seu livro e de assistir ao êxito que logo conquistou. Na Roménia, naturalmente, porque na sua pátria viviam milhares e milhares de pessoas que haviam sofrido as mesmas duras penas, mas também nas traduções francesa (com o

patrocínio da UNESCO) e italiana, traduções que não tardaram em esgotar-se, e mais recentemente a castelhana, na cuidada edição salmantina. Chegou a vez da língua portuguesa, no Brasil, onde logo se esgotou e foi considerado o livro do ano. Aguarda-se a edição portuguesa para sabermos se, entre nós, se repetirá o fenómeno que é sempre a descoberta de uma obra-prima.

Quem está familiarizado com a literatura autobiográfica sabe que as confissões são em geral um sudário onde se imprime o tédio e o desconforto dos dias vazios e sofridos. Por isso, um diário da «felicidade» nos soa como qualquer coisa de insólito, quando pensamos que a história, não só dos povos como dos indivíduos, caminha pelos pés da catástrofe.

São do escritor brasileiro Lúcio Cardoso estas palavras que nos parecem apropriadas a Steinhardt e ao seu livro: «o género Diário valerá para o futuro – nesse futuro que teimamos em acreditar que servirá de berço para o renascimento do homem – não mais como um índice de confissões pessoais género Amiel, mas pela descrição do itinerário pelo qual conseguiram subsistir alguns espíritos». O Diário de Steinhardt, se é um testemunho pessoal, insere-se numa geração que deu um valioso contributo para o retrato de uma época e de um sistema em que a liberdade interior triunfa da tirania. É uma pessoa, não unicamente um cidadão explorado e calcado pelo Estado, no caso de Steinhardt um escritor, um teólogo, um filósofo de larga respiração. Livro rico de ideias e de inventiva, em que se cruzam grandes espirituais – profetas, evangelistas, místicos, mártires – e escritores e pensadores de génio paradoxal – Cervantes, Kirkegaard, Chesterton.

Da obra cervantina não hesita em proclamar (p. 367) que ela devolve

la nobleza y la divinidad al hombre y al mundo: esta es la predicación del Evangelio y el tema de *Don Quijote*.

Crê que a língua romena, por suas raízes latinas e orientais, é a que melhor consegue transmitir

la dualidad de Don Quijote-Sancho Panza, amplificándola, llevando al primer plano la bipolaridad del ser humano sin tener que recurrir, como en otras lenguas, a la frivolidad.

Ou, como na versão portuguesa de Aquilino Ribeiro, transmutar-se, pelo seu fulgor verbal, a novela de Cervantes numa novela pícara.

Identificado com autores que alicerçaram o seu pensamento no paradoxo – ou seja, uma verdade *a contrario sensu* –, Steinhardt tem do Cristianismo uma concepção não académica ou escolástica ou sistemática. O Cristianismo não é uma ideologia, e a dialéctica, para o nosso autor, tem qualquer coisa de infernal. O paradigma do pensamento dialéctico é a sociedade comunista, onde prevalece o ódio, a inveja, a suspeita. Por isso, escreve (p.170):

El gran secreto de todas las desgracias: la suspicacia. El veneno, la cizaña, la tierra quemada.

E mais adiante:

La desconfianza es tan asesina como el infanticidio; suprime como hombre a aquél sobre quien se proyecta.

Invocamos aqui e agora o já citado pensador brasileiro Gustavo Corção, que no seu livro de sabor agostiniano – *Dois Amores / Duas Cidades* –, discorre como um empenhado filósofo da história sobre a caminhada do homem através dos séculos e das civilizações. De uma civilização do primado do homem interior deu-se um salto mortal para o que o autor chama «a civilização do homem exterior», que remonta ao Renascimento, com o seu culto do homem, da fama e da glória. E se esse homem era dotado de génio criativo, os contemporâneos designavam-no por «divino». Da divinização do homem desembocámos,

de decadência em decadência, no que Corção designa por «filosofias da inimizade», que têm no comunismo a faceta mais radical, instigado pelo ressentimento em que o homem é o maior inimigo do homem. Ou, como diria Gabriel Marcel, *Les hommes contre l'humain*. Eis como pensadores de diversos países e de diversas línguas convergem no mesmo personalismo e na rejeição do anti-humanismo.

Que livro mais paradoxal, e mais contraditório e oposto aos critérios humanos do que os Evangelhos (os últimos serão os primeiros, quem se exalta será humilhado, a sabedoria do mundo é loucura aos olhos de Deus, etc., etc.). Steinhardt faz também a sua leitura dos Evangelhos e avança proposições bem pessoais. Assim, os pecados da carne não são os mais graves, mas a ira, o ódio, a avareza, o orgulho, porque, mais do que contra nós, são pecados contra os outros. Acerca do pecado original, diz:

No se produjo una sola vez. Cada uno lo comete a su vez, cada uno de nosotros, en parte, cae: salimos de la unidad y andamos bajo la maldición de la dualidad del bien y del mal.

E conclui:

Pecado no solo original, sino *cada vez* original.

Steinhardt equipara o acto de fé ao antidestino, que para Malraux era a arte, e à anti-história, para Eliade.

Como se produziu a metanóia do autor de *El diario de la felicidad*? Ele nos dá aqui (pp. 469-470) a chave dessa metamorfose:

Entré en el cárcel ciego [...] y salgo con los ojos abiertos; entré mimado y caprichoso y salgo curado de ínfulas [...]; entré insatisfecho y salgo conociendo la felicidad [...]; salgo reconciliado con aquellos a los que he hecho mal, con los amigos y los enemigos, incluso conmigo mismo.

Se Bernanos gritou bem alto «o escândalo» da verdade, Nicolae Steinhardt proclamou «o escândalo» da fé. Na página final do Diário, ele esclarece a incredulidade do leitor deste século secularizado:

A la presencia siempre viva de Cristo le debo el hecho de no pudrirme y no fermentar en un odio contra los demás

y contra mí. Esta es mi suerte, inesperada, insospechada: que se me haya concedido creer en Dios y en Cristo, sabiendo, por otro lado, lo que ha dicho Unamuno: creer en Dios significa desear que exista y, además, comportarte como si existiera.

Sólo porque soy cristiano me visita – a despecho de cualquier razón – la felicidad, ¡un extraño delirio!